

Panorâmica de Lisboa
Biblioteca de Leiden
Porta do Mar



Panorâmica de Lisboa
Biblioteca de Leiden
Chafariz d'El-Rei



Panorâmica de Lisboa
Biblioteca de Leiden
Torre de São Pedro



Panorâmica de Lisboa
Biblioteca de Leiden
Portas do Sol



Panorâmica de Lisboa
Biblioteca de Leiden
Porta de Alfófa



Construção imponente, admirável e fortificada é a das suas muralhas e da sua alcáçova. (...) Tem seis (*sic*) portas, dispostas numa ordem curiosa. Entre elas, a **Porta Grande**, que é ocidental, sobrepujada por arcadas duplas, assentes sobre colunas de mármore, sendo estas colunas fixadas (também) sobre bases de mármore branco. Outra porta, também a oeste, conhecida como **Porta do Postigo** (*Bab al-Hawha*), que se abre para uma extensa e verde pradaria, no meio da qual dois cursos de água a atravessam até se lançarem no mar. De entre as suas (outras) portas, há uma porta meridional, chamada **Porta do Mar** (*Bab al-Bahr*); por onde entram as ondas, que sobem pela sua muralha cerca de três braças. Entre elas também, uma porta oriental, conhecida como **Porta das Termas** (*Bab al-Hamma*), estando as termas próximas dela; nelas correm duas águas: uma água quente e uma água fria, e ambas próximas do mar; quando a maré enche, encobre-as, e quando baixa, descobre-as. Outra porta, também oriental, é chamada **Porta do Estreito** (*Bab al-Madiq*).

Anónimo, *Dikr Bilad Al-Andalus*, ed. Luís Molina, 2 vols. (Madrid 1983), tradução portuguesa por António Rei e Adel Sidarus, "Lisboa e seu Termo segundo os geógrafos árabes", *Arqueologia Medieval* 7, Porto, Edições Afrontamento, 2001, pp. 65-66.

3 JULHO

10h
Manuel Fialho Silva
GEO/CML

11h
José Manuel Garcia
GEO/CML

14h
Ana Gomes /Alexandra Gaspar
DRCLVT/MC

15h
Cláudio Torres
Campo Arqueológico de Mértola

16h
Clementino Amaro

4 JULHO

16h
Visita Guiada aos vestígios da Cerca Moura de Lisboa

Largo das Portas do Sol, 2
1100 - 411 Lisboa
Tel 218814600
www.fress.pt
<http://geo.cm-lisboa.pt>

FRAGMENTO DA PLANTA TOPOGRÁFICA DE LISBOA QUE COMPREENDE A PARTE ABRANGIDA PELA CERCA MOURA

O traçado e as legendas a preto correspondem à actualidade. O traçado e legendas a vermelho são as correspondentes à época do terremoto de 1755. O traçado é extraído da *Planta topographica da Cidade Lisboa*, arruinada, e *Também Segundo o Novo Alinhamento dos Architétos Eugenio dos Santos, e Carvalho, e Carlos Mardel*. As legendas são extraídas do *Tombo da Cidade de Lisboa*, mandado organizar por decreto de 29 de Novembro de 1755. No traçado das muralhas da cerca o traço cheio mostra as partes conservadas ou aquelas sobre que não há dúvidas. A linha tracejada representa o traçado duvidoso, ou puramente conjectural.

in *A Cerca Moura de Lisboa: estudo histórico-descritivo* / A. Vieira da Silva, 2ª edição, Lisboa, Câmara Municipal, 1939, entre p. 58 e 59



Esc. 1/1180

mira de ajuste frente/verso

verso frente

WORKSHOP

A Cerca de Al-Ušbuna

MUSEU DE ARTES DECORATIVAS PORTUGUEAS
FUNDAÇÃO RICARDO DO ESPÍRITO SANTO SILVA

GEO | GABINETE DE ESTUDOS OLISIPONENSES
<http://geo.cm-lisboa.pt>



mira de ajuste frente/verso

A Cerca Moura de Lisboa, também chamada "Cerca Velha" é um monumento nacional que consiste nos vestígios da estrutura defensiva que ainda hoje se pode observar, de modo parcial, nas várias freguesias de Alfama. A muralha original foi provavelmente erigida no período tardoromano (séc III-V) e depois muito possivelmente aproveitada e reforçada no período islâmico (séc.VIII-XII)¹. A muralha que defendia Al-Ušbuna teria, segundo Augusto Vieira da Silva, aproximadamente 1250m de comprimento na sua extensão total, 2m a 2,5m de espessura e abrangia no seu interior uma área de aproximadamente 15,6 hectares. Sendo assim, a área total de Al-Ušbuna, aquando do seu apogeu em finais do séc. XI, seria de aproximadamente 30 hectares, juntando à já referida área intramuros dois arrabaldes, formando um conjunto de 15 hectares. Neste espaço, Cláudio Torres admite uma população na ordem dos 20 ou 30.000 habitantes, comparando-a aos grandes portos de Málaga e Almeria².

Segundo as descrições da época, Al-Ušbuna era uma cidade densamente povoada e rica provindo a sua riqueza da exploração intensa dos recursos agrícolas e piscatórios, da produção industrial e mineira e de intensas trocas comerciais. Uma das fontes descreve Al-Ušbuna como "a mais rica e opulenta em provisões de toda a África e de grande parte da Europa"³.

No interior da Cerca de Al-Ušbuna, diferentes raças, povos e crenças religiosas conviviam de um modo relativamente pacífico. Sabemos que as três grandes religiões, cristianismo, islamismo e judaísmo, eram toleradas em Al-Ušbuna.

Isto porque a elite muçulmana que governava a cidade não impunha a conversão ao islamismo e permitia as crenças religiosas da população autóctone, mas apenas mediante o pagamento de taxas e impostos específicos, tal como acontecia em todo o Al-Andaluz. Os moçárabes, cristãos que continuavam a praticar rituais litúrgicos criados pelos primeiros cristãos ibéricos, viviam ao lado de muçulmanos e judeus, também tolerados em Al-Ušbuna. Em 1109, o rei norueguês Sigurd afirma que a população da cidade, aquando da sua belicosa passagem por Al-Ušbuna, seria composta por metade de muçulmanos e metade cristãos⁴. Este testemunho vem concordar com as mais recentes opiniões dos historiadores⁵ que consideram que a penetração do Islão na Península foi sobretudo um processo lento e gradual onde a força das armas não terá tido grande peso.

Em 1147, no momento em que Lisboa cai às mãos de um extenso exército composto por cruzados de vários países da Europa e também por portugueses, chefiados por D. Afonso Henriques (*Ibn-Errik*), a cidade possuía um bispo moçárabe, o qual acabou por ser assassinado pelos cruzados francos. Está também confirmada a existência da mesquita maior (Aljama) no espaço da actual Sé de Lisboa³, enquanto que o culto cristão moçárabe teria um local privilegiado no espaço da actual igreja de Santa Cruz do Castelo⁴, quanto à comunidade judaica não são conhecidas quaisquer provas arqueológicas ou epigráficas desta época⁵, mas com certeza teria o seu espaço para o culto em alguma parte da cidade.

1 Cf. Matos, José Luís, "Lisboa Islâmica" *Arqueologia Medieval* 7, Porto, Edições Afrontamento, 2001.
2 Cf. Torres, Cláudio, "Lisboa Muçulmana - Um espaço urbano e o seu território" *Arqueologia Medieval* 7, Porto, Edições Afrontamento, 2001.
3 A conquista de Lisboa aos Mouros - *Relato de um cruzado*, trad. do lat. para português por Aires A. Nascimento, Lisboa, Vega, 2007, p. 77

1 Cf. Picard, Christophe, "Les Mozarabes de Lisbonne: Le Problème de l'assimilation et de la conversion des Chrétiens sous domination musulmane à la lumière de l'exemple de Lisbonne" *Arqueologia Medieval* 7, Porto, Edições Afrontamento, 2001.
2 Cf. Torres, Cláudio, "O Garb-AL Andaluz" in *História de Portugal*, José Mattoso, ed. Lisboa, Círculo de Leitores, 1992, p. 407.
3 Cf. Amaro, Clementino, "Arqueologia Islâmica em Lisboa: um percurso possível" in *Portugal Islâmico - Os últimos sinais do Mediterrâneo*, Museu Nacional de Arqueologia, 1998.
4 Cf. Branco da Silva, Maria João, "Reis bispos e cabidos: a diocese de Lisboa durante o primeiro século da sua restauração", *Lusitania Sacra*, 2ª série, 10, 1998, 55-94.
5 Cf. Torres, Cláudio, "O Garb-AL Andaluz" in *História de Portugal*, José Mattoso, ed. Lisboa, Círculo de Leitores, 1992, p. 407.